

VÁRIOS AUTORES

50 POEMAS DE REVOLTA

COMPANHIA DAS LETRAS

APRESENTAÇÃO

TODA POESIA É POLÍTICA?

A poesia é, por si, ato de resistência. Além de não comercial, espécie de antiproduto, antimercado, dirigida a um círculo restrito de leitores, é uma reação à automatização da linguagem, do pensamento e dos sentidos. Quando o poeta lança seus dados em resposta às notícias de jornal, a política aparece não apenas como um dos componentes que definem o gênero poético, mas também como temática do poema. Com profundo desejo de transformação, os versos se rebelam contra as mazelas sociais e conquistam alta voltagem de mobilização. É uma poesia engajada, indignada, insubordinada.

Os poemas de denúncia ganharam corpo em situações cruciais da história brasileira. Para citar alguns movimentos do século XX, há o modernismo de 1922, com seu empenho em repensar as bases da identidade nacional; o pós-modernismo de 1945, com a preocupação em recuperar o rigor formal; a poesia concreta da década de 1950, com uma nova proposta de exploração dos recursos gráficos e conteúdo combativo; as correntes de vanguarda Instauração Praxis e Poema-Processo, das décadas de 1960 e 1970; e a poesia marginal, que nos anos 1970 voltou a atenção para a própria intimidade com tom coloquial e bem-humorado, em contraste ao autoritarismo dos anos de chumbo.

50 poemas de revolta reúne 34 poetas brasileiros de diferentes épocas, entre clássicos e representantes da novíssima geração. São poemas que, em tempos sombrios, procuram jogar luz sobre incontáveis modalidades de negligência e opressão que estão na ordem do dia. Contundentes, lúcidos e radicalmente atuais, os versos desta antologia não têm medo de levantar bandeiras, marcar posição, discutir a relação.

Os editores

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De supetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro, de cabelo escorrendo nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANGÉLICA FREITAS

porto alegre, 2016

quando você viu na tv
aquelas pessoas em fila na chuva
à noite numa estrada
na fronteira de um país que não as deseja

e quando você viu as bombas
caírem sobre cidades distantes
com aquelas casas e ruas
tão sujas e tão diferente

e quando você viu a polícia
na praça do país estrangeiro
partir pra cima de manifestantes
com bombas de gás lacrimogêneo

não pensou duas vezes
nem trocou o canal
e foi pegar comida
na geladeira

não reparou o que vinha
que era só uma questão de tempo
não interpretou como sinal a notícia
não precisou estocar mantimentos

agora a colher cai da boca
e o barulho de bomba é ali fora
e a polícia pra cima dos teus afetos
munida de espadas, sobre cavalos

Tarifa de embarque

*Sou sírio. O que te assombra,
estrangeiro, se o mundo é a pátria em
que todos vivemos, paridos pelo caos?*

Meleagro de Gádara, 100 a.C.

Não te decepções
ao pisares os pés no pó
que cobre a estrada real de Damasco.
Não descerres cortinas fantasmagóricas:
camadas de folheados
— água de flor de roseira
água de flor de laranjeira —
que guloso engolias,
gravuras de aldeãs portando ânforas ou cântaros,
cartões do templo de Baal
e das ruínas do reino de Zanubia em Palmira,
fotos de Aleppo, Latakia, Tartus, Arwad
que em criança folheavas nas páginas da revista *ORIENTE*
na idade de ouro solitária e febril
por entre as pilhas de fardos de tecidos
da Loja Samira;
arabescos, poços, atalaias, minaretes, muezins, curvas
caligrafias torravam teus cílios, tuas retinas
no vão afã de erigires uma fonte e origem e lugar ao sol
na moldura acanhada do mundo.
Síria nenhuma iguala a Síria
que guardas intacta na tua mente régia.
Nunca viste o narguilé de ouro que tua avó paterna
— Kadije Sabra Suleiman —
exibia e fumava e borbulhava nos dias festivos
da ilha fenícia de Arwad.

Retire da tela teu imaginário inchado
de filho de imigrante
e sereno perambule e perambule desassossegado

e perambule agarrado e desgarrado perambule
e perambule e perambule e perambule.

Perambule

— eis o único dote que as fatalidades te oferecem.

Perambule

— as divindades te dotam deste único talento.

CONCEIÇÃO EVARISTO

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem — o hoje — o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância,
o eco da vida-liberdade.

*image
not
available*

Corpo de delito

I

Escuta o rumor nas margens plácidas
feitas de lama, sangue e memória.

Escuta o brado retumbante
na garganta do túnel.

Por entre as grades do grito
o céu da liberdade viaja
e o sol, sem Pátria, se espalha
nesse instante, no cimento.

Aqui, Senhor, tememos
o braço forte que sobre os seios
se abate, sem remorso.

Aqui, no peito, os sussurros do coração
o muro de murros desabado
os urros na boca do corpo de entulho
e os erros da minha mão
que apalpa a própria morte.

Nesta cela que sonho nenhum
se escreve nas paredes
nesta sala de azulejos lívidos
um raio de dor sempre aceso
e vívido à terra desce.
O céu é o sol desta luz
em cada nervo
e em cada um de nós
um límpido incêndio resplandece.

Daqui escuto os passos dos gigantes
pisando, impávidos, a paisagem.
Escuto a marcha dos colossos
por cima dos ossos
por cima dos mapas de mar e grama
escuto as botas dos passos

*image
not
available*

Memórias de um homem-bala

não sobrou muita coisa mesmo
pouca gente, pouca vida
uns restos imensos de ruínas
paredes e muros, farelos
pessoas e animais, carne estraçalhada
colônias de infecções e pestilência

quando tudo estava no olho do furacão
ninguém quis muito saber

inconsciência da tragédia em plena tragédia

o colapso chegou sem dizer palavra

arrombando a porta

quando fomos tentar consertar

já era tarde

muito tarde

ficamos todos muito cabreiros

mas o câncer crescera tanto

que sua cura tornara-se impossível

tudo começou a desmoronar

com a catástrofe hídrica

e, logo na sequência, a

queda planetária de energia elétrica

rio após rio após rio após rio

mortos, arruinados

das bacias hidrográficas

apenas longos caminhos de sujeira e lama

o agronegócio desgraçou os biomas

décadas e mais décadas de soja

soja soja soja soja soja soja soja soja

décadas e mais décadas de mineração predatória

rejeitos contaminados

arsênio alumínio manganês bário

*image
not
available*

que faziam dos oceanos
nossa maior biblioteca
memórias cruzadas pelos
infinitos cantos noturnos das baleias

no fim, no meio desse existir aleijado,
o planeta completamente destruído,
sobraram poucas pessoas

impossível saber ao certo agora
acredita-se que tribos nômades
cruzam todos os continentes

é assim que vamos vivendo
um tempo aqui, outro ali
não ficou nada, de fato
nem um botão, nem um rato
todas fontes secaram
ninguém
nunca mais
tocará
os seios da sereia

*Cobertura do edifício Martinelli, Trevas de Abbadon,
Comunidade Marduk, primavera de 2222*

*image
not
available*

FRANCISCO ALVIM

Quem fala

Está de malas prontas?

Aproveite bastante

Leia jornais não ouça rádio de jeito nenhum

Tudo de bom

Não volte nunca

*image
not
available*

TORQUATO NETO

Poema do aviso final

É preciso que haja alguma coisa
alimentando o meu povo;
uma vontade
uma certeza
uma qualquer esperança.
É preciso que alguma coisa atraia
a vida
ou tudo será posto de lado
e na procura da vida
a morte virá na frente
e abrirá caminhos.
É preciso que haja algum respeito,
ao menos um esboço
ou a dignidade humana se afirmará
a machadadas.